

A autonomia tecnológica

Quando assumi o então recém-criado Ministério da Ciência e Tecnologia, afirmei que a nossa política deveria estar norteada pelo objetivo maior de preservar e ampliar a autonomia nacional. (...). Aduzi, então — e continuo convicto disso — que não podemos esperar que as nações mais poderosas se tornem doadoras de conhecimentos técnicos e científicos, hoje sinônimos de poder político e econômico. Tal transferência, se vier, não ocorrerá sem condicionamentos que cercearão nossas opções de desenvolvimento.

Dize, então, que acima de tudo, esperávamos desses países que não procurassem ditar regras de conduta para o nosso desenvolvimento. Infelizmente, o que temos assistido, neste primeiro ano de vida do ministério, é uma crescente pressão para que adaptemos as nossas políticas e os nossos modelos a fórmulas impostas de fora. O governo do presidente Sarney, apoiado na sólida expressão de vontade do Congresso e da opinião pública, tem sabido enfrentar as indesejáveis tentativas de ingerência em nosso desenvolvimento. Mas é da sociedade — e especialmente daqueles que têm ligações mais imediatas com os problemas da tecnologia nacional — que deve originar-se a força dessa atividade de resistência.

A política de Ciência e Tecnologia passa necessariamente pela defesa do nosso patrimônio — e neste patrimônio inclui-se o próprio mercado nacional.

Renato Archer, Ministro de Ciência e Tecnologia